

## ENCONTRO DE GUTIÉRREZ E FREIRE NA PERSPECTIVA DOS PRINCÍPIOS ECO-VITAIS

Ernesto Jacob Keim<sup>1</sup>

### Resumo

Este texto é decorrente dos debates realizados junto ao Grupo de Pesquisa EDUCOGITANS. Trata de uma discussão referente a pontos que se identificam com a questão da planetaridade e do compromisso radical com a vida, assumida por Paulo Freire e Francisco Gutiérrez em suas obras literárias. Os princípios Eco-vitais e a natureza do homo como ser bio-psico-socio-histórico e unicitário são os aspectos desenvolvidos pelo autor deste artigo para dialogar com as obras referidas. Este texto foi apresentado no IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, ocorrido em setembro de 2004 na cidade do Porto PT, depois de ter sido discutido e aprovado pelos integrantes do grupo de pesquisa já referido. Este diálogo pretende ressaltar a importância da Ecopedagogia como uma perspectiva pedagógico-didática para incorporar nas atividades educativas a ética na perspectiva da planetaridade. Este texto pretende também mostrar uma perspectiva, ontológica e política inerente à discussão ambiental.

**Palavras chave:** Ecopedagogia, Princípios Eco-vitais, Educação, Ética, Política.

*A VIDA É O OBJETO FUNDAMENTAL E PRIMORDIAL  
DO TRABALHO DOS DOCENTES QUE PODEM SE PAUTAR  
NA CONSTRUÇÃO DA FELICIDADE, DA LIBERDADE E DA AUTONOMIA,  
EM LUGAR DE ENQUADRAREM-SE NOS FORMALISMOS SOCIAIS E ACADÊMICOS  
E NA ILUSÃO DE QUE EXISTE UMA VERDADE  
E UMA RESPOSTA PARA CADA PROBLEMA.*

*Ernesto Jacob Keim*

Ao folhear pela primeira vez o livro, "Ecopedagogia e Cidadania Planetária" de Francisco Gutiérrez, que faz parte da coleção Guia da Escola Cidadã, promovida pelo Instituto Paulo Freire, depois de olhar a apresentação e passar os olhos pelo sumário, fui até a página 125 onde está a bibliografia, para ver quais foram as obras bibliográficas de Paulo Freire referidas nesta obra. Meu interesse se apoiou no fato de que na época, estava pesquisando sobre a questão ambiental na obra freiriana, mas para surpresa o grande ausente nas três páginas da bibliografia era Paulo Freire. Nenhuma citação. Como pode!! Disse indignado e passei curioso à leitura da obra, para, com surpresa, descobrir que Freire não precisava ser citado na bibliografia, pelo fato dele estar orgânica e intimamente vinculado a todo o texto da obra.

Esse primeiro mergulho, nessa obra importante para pensar uma educação que prioriza a vida, foi importante para desencadear um conjunto interessante de encontros em nosso grupo de pesquisa "EDUCOGITANS – Educação para o pensar" vinculado ao programa de Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau FURB. Ele foi o livro de estudo durante sete encontros e dele o grupo extraiu importantes argumentos para suas pesquisas e amadurecimento nas questões referentes à planetaridade e à educação que priorize a vida de forma radical e conseqüente.

---

<sup>1</sup> Professor Dr. Ernesto Jacob Keim – Universidade Regional de Blumenau FURB. Sociedade Educacional de Santa Catarina SOCIESC. Sinodal de Educação.

A construção deste texto é um pouco o resultado daquele trabalho coletivo que se debruça sobre o tema maior que trata da Pedagogia da Mediação na Perspectiva da Planetaridade.

Em nossos estudos e debates, a educação no contexto da planetaridade vai muito além das questões ambientais, pelo fato da planetaridade, ser focada como a consciência e a discussão das conseqüências de nossas ações para a vida, no contexto de toda a biosfera e como os compromissos que firmamos para que a vida seja mantida e respeitada, menos miséria e menos exclusões. Essa utopia se apóia, inicialmente, em dois referenciais atitudinais para nós relevantes, na medida em que devemos sempre nos voltar para duas questões fundamentais, ou seja: Qual a pergunta prima que você fez ao iniciar uma ação que tem como conseqüência alguma intervenção ambiental, e qual é a pergunta em evidência para te manter envolvido com esta ação ambiental, sabendo que toda ação humana repercute de alguma forma nas relações entre outras pessoas e com os componentes ambientais.

A pergunta prima se refere à consciência e aos compromissos firmados para iniciar a ação e a pergunta em evidência se refere à continuidade da ação. Consciência dos poderes que possuímos e que sofremos quando executamos alguma ação, bem como a discussão e os compromissos que assumimos ao agirmos, mostram que toda ação humana envolve poder e por isso toda ação humana tem uma natureza política e como tal, toda ação tem conseqüências que devem ser questionadas quanto à capacidade de intervenção na dinâmica organizativa dos ambientes e de toda a biosfera terrestre.

Essa visão de que toda ação é política nos remete à questões que se referem ao sentido que se dá à vida, à direção que se dá à existência e à abrangência que se dá às ações coletivas que se promove. Essas questões se fortalecem com os desafios apresentados por Levinas, quando pergunta sobre a consciência que temos de quem será o outro que nós seremos amanhã, de quem é o outro que sofre e se submete às ações que promovemos e de quem parte a ação que nos atinge e nos submete.

Essas questões nos remetem à natureza de nossa identidade como sujeitos que são constituídos de natureza biológica, psicológica, social, histórica e unicitária, sendo histórica pela capacidade entre outras, de registrar fatos passados para planejar o futuro e pela capacidade de criar regras, com as quais, poderá desenvolver critérios de escolha e condições de julgamento e é unicitário pelo fato de cada pessoa se caracterizar como um ser inacabado, inconcluso e incompleto, sujeito a emoções e sentimentos que fazem dele um ser único, exclusivo e insubstituível.

Os desafios colocados até aqui nos remetem à discussão dos compromissos que assumimos perante a vida e para tal apresentamos a posição de que a vida deve ser o bem maior e que todos os aspectos referentes às ações humanas devam estar voltados para esta construção de tal forma que, os princípios norteadores da vida moderna apoiados no mercado sejam colocados frente a frente com o que convencionamos chamar princípios eco-vitais que se apresentam como a decisão e o empenho das pessoas, enquanto sujeitos coletivos, a se engajarem na organização de programa educativo que priorize a dignidade:

nos alimentos que possibilitem prazer e integridade biológica dos habitantes da biosfera.

nos abrigos que atendam às necessidades bio-psico-socio-transcendentes e unicitários dos humanos conforme a região que ocupam;

na ocupação com fazer que valoriza o potencial de cada humano e respeita as necessidades para manter elevado o amor próprio e a auto-estima das pessoas.

na produção de bens que preservem a qualidade dos ambientes terrestres algumas gerações depois de sua produção, para garantir qualidade futura dos mananciais, dos solos e da atmosfera e que sejam objeto de partilha para o deleite fraterno.

no afeto como condição imprescindível para que a auto-estima dos humanos se mantenha elevada e se preserve o equilíbrio mental e emocional necessários para lidar com a dinâmica organizativa da sociedade.

De acordo com essa descrição de princípios das ações humanas diante da vida, cabe a cada humano rever suas ações e seus compromissos para viabilizar vida prazerosa e fraterna como meio que faça frente à competitividade, ao individualismo e à ganância evidenciadas em nossa sociedade.

Essa proposta para nortear as ações educativas na perspectiva da ecopedagogia e de uma pedagogia para a autonomia e liberdade, pretende se caracterizar como estímulo para que os educadores organizem a formação dos estudantes para que sintam capazes de perceber e considerar a vida em sua perspectiva auto-eco-desorganizativa e que os anime a considerar a planetaridade como compromisso maior com a vida.

Nesse sentido, a forma mais abrangente da educação que propomos está contemplada numa dimensão ontológica e epistemológica que se ocupa com a perspectiva ético-planetária e com a perspectiva de valorização da vida e também está empenhada para que as atividades educativas se apresentem como temas relevantes que se caracterizam como discussões cognitivas e metodológicas dos conteúdos e conhecimentos a serem abordados.

Com estas posições entende-se que a educação, na perspectiva de inserção dos humanos em toda a dinâmica organizativa do planeta deverá estar vinculada a uma abordagem diferenciada e dialógica, de tal maneira que valorize e estimule os diferentes e as diferenças, para que a vida coletiva e as particularidades de cada pessoa sejam consideradas como imprescindíveis e para que a dinâmica planetária seja cada vez mais inclusiva e gere redução da miséria e das exclusões. Nesse sentido consideramos que a educação escolar, além de se caracterizar como dinâmica que valoriza os diferentes e as diferenças, deverá se voltar para considerar fundamentais e essenciais:

- a delicadeza com que as interações ocorrem em todos os níveis de relações que constituem a vida na sociedade e nos diferentes ambientes que formam nossa biosfera;
- a sensibilidade para perceber estas interações e para descobrir de que forma se pode participar destas interações;
- a admiração decorrente de nossa participação e nas interações com as diversidades;
- o respeito mútuo devido a todos com os quais compartilhamos lugar e tempo nesta nave que é nosso planeta.
- as afinidades para as somas e as interações e não as diferenças que diminuem e dividem.

Delicadeza, sensibilidade, admiração, respeito mútuo e sintonia com as afinidades são referências de sintonia para o olhar crítico que gera vida e engajamento ético e planetário que percebe e considera a vida como algo sutil que corre riscos e que está sendo ameaçado pela brutalidade, insensibilidade, falta de admiração, desrespeito e eliminação/descaso de diferenças e diferentes próprios de uma sociedade que se pauta na competição e na exclusão. O desafio implícito nesta posição nos leva a citar Simon Rodrigues que em 1826 diante das dificuldades que lhe eram

citar Simon Rodrigues que em 1826 diante das dificuldades que lhe eram apresentadas para ser professor do povo oprimido na América Espanhola, disse que

“aquele que não sabe qualquer um engana,  
aquele que não tem, qualquer um compra”.

A ecopedagogia diante desses desafios se apresenta então como uma proposta de atividade educativa que tenha sua condução pautada em referenciais ontológicos, epistemológicos e contextuais, que consideram a vida como dinâmica auto-eco-desorganizativa, que valoriza o diferente e as diferenças conforme preconiza Freire, o que nos remete a uma posição de permanente desequilíbrio e isso fortalece o confronto com Gutierrez que apresenta as questões ambientais vinculadas a uma busca de equilíbrio e harmonia. Freire nos apresenta uma dinâmica educativa que é inconclusa, inacabada, e incompleta e que se apresenta em permanente processo de construção e reconstrução e Gutiérrez nos leva a pensar num planeta que pode ser equilibrado e harmônico. A física quântica nos ajuda a resolver este impasse e nos faz optar pela dinâmica auto-eco-desorganizativa.

Os princípios eco-vitais, de certa forma, reforçam esta posição e nos remetem a Freire na medida em que aqueles referenciais para análise da qualidade de vida em nosso planeta trazem em seu bojo, a síntese de autonomia proposta por Freire que nos remete à uma constante busca de relação, para a construção da autonomia como compromisso assumido pelos humanos a favor da vida.

A questão da auto-eco-desorganização se fortalece, também, quando nos defrontamos com a dinâmica com que os conhecimentos gerados pela ciência e pela tecnologia, provocam acelerados processos de mudanças em todos os níveis em que a vida no planeta se manifesta. Nesse sentido se considera relevante apresentar o quadro 1, que demonstra o crescimento populacional humano em nossa biosfera, o que traz como decorrência natural profundas mudanças e crises de valores nos referenciais da vida em sociedade.

Quadro 1: Crescimento da população de Homo Sapiens na biosfera terrestre.

Há 130.000 anos	±	10 mil Homo Sapiens (H. S.).
Há 10.000 anos	±	10 milhões de H. S.
Há 5.000 anos	±	20 milhões de H. S.
Há 3.000 anos	±	50 milhões de H. S.
Há 2.000 anos	±	200 milhões de H. S.
Há 800 anos	±	400 milhões de H. S.
Há 300 anos	±	800 milhões de H. S.
Há 100 anos	±	1 bilhão e 500 milhões de H. S.
Há 50 anos	±	3 bilhões de H. S.
Hoje existem	±	6 bilhões de H. S.
Em ?		a população mundial será de 12 bilhões de habitantes

Estes números nos colocam diante de um impasse grandioso pelo fato de que a perspectiva de aumento da população humana não depende de programas de controle de natalidade, mas se refere a mentalidades e visões de mundo que perpassam às determinações e aos conselhos dos especialistas.

O consumo desenfreado das pessoas que vivem em países mais afortunados além de poluir, consome recursos, que mesmo em processo de reciclagem, poluem e desgastam o planeta. Essa posição mostra o quanto de ilusório, muitas vezes, as questões do desgaste ambiental e pla-

posição mostra o quanto de ilusório, muitas vezes, as questões do desgaste ambiental e planetário é acobertado pelas campanhas de vida urbana, apresentadas como ecologicamente corretas. Não bastam ações pontuais, a questão está em identificar a causa maior do desgaste planetário.

A situação planetária é grave e esta análise mostra a complexidade e fragilidade da vida diante de uma simples análise da cobertura vegetal do planeta. Essa constatação nos assusta quando identificamos que a maior parte do globo está desprovida de cobertura vegetal. Ao analisar os oceanos, descobre-se que o excesso de carbono absorvido por suas águas traz conseqüências que comprometem a transparência das águas gerando desequilíbrio nas populações marinhas e conseqüentemente, desequilíbrio, pois o planeta não tem recursos para responder aos desafios que sofre. É uma questão de que a velocidade da agressão é maior e mais intensa do que a velocidade e capacidade de recuperação do planeta.

Os transgênicos e a engenharia genética, apesar de todos os cuidados e responsabilidade dos cientistas empenhados nessas pesquisas, sabem que a margem de segurança é desconhecida, pelo fato de estarem convictos de que o que sabem é apenas uma pequena porção de tudo o que ainda está por vir. Nesse sentido, faz-se referência aos fantásticos avanços dos conhecimentos que ocorreram nos cinqüenta anos de conhecimento da dupla hélice, e se imaginarmos o que estaremos sabendo daqui há mais cinqüenta anos sobre a estrutura dos genes, poderemos no arrependimento amargamente da ânsia de lucro para o plantio de sementes mais economicamente viáveis, mas menos saudáveis ambientalmente.

Nosso planeta não resiste mais aos ataques e bombardeios químicos, explosivos e radiológicos. As conseqüências podem ser arroladas como de uma irresponsabilidade sem precedentes na história da humanidade e esses anos de insanidade tecnológica e ambiental movida pelo lucro e pelo poder imperial de alguns sobre os demais, pode ser motivo de séculos futuros de privações para a reconstrução ambiental que poderá estar comprometida de forma quase irreversível. Na perspectiva das alternativas possíveis surge o discurso do desenvolvimento sustentável que deve ser analisado, estudado e estimulado, a partir da vida e não do mercado.

Estamos, segundo Gutiérrez, vivendo uma profunda crise de valores, causada pelas lutas por ampliação de fronteiras. Gutiérrez nos alerta para o fato de que é incoerente dizer que sou cidadão do mundo se sou estrangeiro num país vizinho. A postura, segundo este autor, é de tratar o planeta como um ser vivo, no qual todas as partes estão integradas e interagem sem conhecer diferenças ou conhecer privilégios. Todos os viventes e todas as estruturas e componentes ambientais devem ser considerados como sendo partes de um único todo que permanentemente se auto-eco-desorganiza. As relações de poder entre os governos dos diferentes países devem ser encaradas como um sistema de consenso a favor da vida e não disfarçar a tirania com uma suposta democracia, que se caracteriza como uma ditadura da maioria, que sufoca e silencia as minorias e os diferentes, que os desafiam a refletir sobre suas ações e atitudes. A ditadura dos iguais que sufocam os diferentes pode ser a receita correta para sufocar a vida em nosso planeta que é um todo constituído por inúmeros diferentes que interagem e estabelecem dependências, necessidades, carências e que pode partilhar a fartura.

Assim, democracia deveria ser vista como o respeito inalienável à vida, considerando como prioridade a valorização e sobrevivência dos diferentes e das diferenças, para que as interações se estabeleçam permeadas pelas mediações, que discutirão os poderes implícitos e possibilitarão as superações que permitem a descoberta de um novo nível e referencial de convivência, e portanto, de

perações que permitem a descoberta de um novo nível e referencial de convivência, e portanto, de vida coletiva, tendo o poder como um bem e não como uma ameaça.

A ecopedagogia se apresenta como um desafio que nos impulsiona a um compromisso com o que e como fazer uma nova civilidade que considera a perspectiva bio-psico-social-histórica e unicitária dos humanos, bem como, a importância e identidade de cada um dos componentes ambientais, contrapondo o cidadão da terra com o capitalista da terra. Nesta perspectiva é fundamental que sejam abertos novos rumos para uma cultura de sustentabilidade da vida e não do mercado com suas paixões e mazelas.

Essa posição nos faz dizer que é imprescindível que a Ecopedagogia se apresente como uma proposta que se apóie na incerteza para gerar na população humana de nossa biosfera a certeza de que a autonomia, se caracteriza como um compromisso com o todo maior que é a vida planetária e que a autonomia não se caracteriza como um conjunto de privilégios e vantagens.

Nesta perspectiva nos referimos a Fleck (2004), que oferece uma síntese do que Freire propôs como sendo alguns elementos imprescindíveis para se ter autonomia na sociedade dos humanos e certamente esses elementos indicativos podem se comunicar com Gutierrez de forma bastante significativa, ao considerar as importantes questões ambientais já citadas e ampliá-las com esses elementos indicativos para a autonomia listados no quadro 2.

Quadro 1 : Elementos indicativos de autonomia vinculados à trilogia de Paulo Freire

	<b>Autonomia implica ...</b>
1	... aguardar o resultado da ação educativa com serenidade e amorosidade.
2	... reação com justa raiva quando a liberdade e a integridade da vida forem ameaçadas.
3	... exercer autoridade democrática e fraterna na medida em que exerce o poder.
4	... lidar com diferentes de forma organizada para a criação e organização de cultura dialógica.
5	... desafiar o alienado para a mediação histórica, do vir a ser, no tempo de cada um.
6	... compromisso ético como respeito à dignidade de todos os envolvidos.
7	... avaliação como interações entre posturas para diagnosticar saberes e virtudes.
8	... dizeres e fazeres que promovem respeito e valorização das partes envolvidas.
9	... enfocar o estudo como inclusão pela substantividade para superar a superficialidade.
10	... tornar-se capaz de ler e interpretar o mundo.
11	... ter consciência do poder que sofre e do poder que exerce, para tornar-se sujeito livre.
12	... emancipar-se da alienação e superar a ignorância pela alegria e pela esperança.
13	... constituição da identidade de sujeito libertador e liberto por meio da esperança com criticidade.
14	... indignar-se diante da desumanização, das injustiças e das discriminações.
15	... mover-se de forma corajosa e criticamente determinada na denúncia e anúncio libertador.
16	... ler o saber popular para se inserir na história social e alcançar a identidade do grupo.
17	... transcender a curiosidade espontânea para uma curiosidade epistemológica e ontológica.
18	... valorizar a autoridade e a liberdade, em detrimento do autoritarismo e da licenciosidade.
19	... rupturas e desinstalações apoiadas na ética universal do ser humano.
20	... constituir-se como pessoa comprometida com a vida plena.

*Fonte: extraídos por meio de interpretação pela pesquisadora das obras: Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Esperança e Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire.*

Entendemos que esses 20 elementos se forem utilizados cada vez que uma importante decisão for tomada na perspectiva ambiental e educacional, podem indicar que a humanidade está se voltando mais para a vida. Descartes pode ser evocado neste momento, na medida em que ele anunciou que devemos duvidar, duvidar até de nossa existência, para então pensar numa pedagogia da dúvida, da incerteza onde seja evidente e natural as discussões das relações de poder.

A dimensão de vida planetária requer uma profunda consciência do compromisso que todos devem ter com a vida e com o planeta. Nessa perspectiva é muito importante discutir e conhecer as representações e as implicações materiais e históricas que envolvem a vida planetária. A educação deve ser de natureza crítica sem concessões, considerando que a radicalidade que propomos é aquela que busca a RADIX que é a raiz da questão e a questão em debate é a sobrevivência da vida e não do mercado ou das táticas de dominação e exploração desenvolvidas pelos humanos.

Devemos estar atentos para expressões e discursos que minimizam a problemática ambiental, para desmascarmos discursos que geram alarmes que desmobilizam, ou discursos que geram uma falsa mobilização que tem como resposta a desmobilização e desânimo das pessoas que se envolveram. Gutiérrez chama atenção para o risco implícito em expressões como natureza humana, recursos renováveis e não convencionais, entre muitos outros que podem ter uma boa expressividade e boa representação discursiva mas que iludem e não dão um panorama confiável e palpável a que se referem.

A Planetaridade precisa ser vista como uma visão e uma representação social e esta observação nos remete à abertura do livro de Gutiérrez quando traz a citação de Marc Nefin: "*Nem príncipe, nem mercador, cidadão.*"

Esta citação tão condensada consegue dizer para todos, o que pode ser considerado como uma perspectiva de cidadão do mundo, onde prevaleça a partilha e a solidariedade como enfrentamento da ditadura da maioria que opta pela exclusão e pela ganância acumulativa e predatória. A vida da sociedade planetária deve estar pautada em valores que permeiam a vida planetária como sociedade fraterna planetária e neste sentido destaco o papel dos educadores que se engajam na questão ambiental, ao afirmar que sentir faz parte do aprender e se não conseguimos sentir tudo que o mundo nos oferece, devemos como educadores, estar abertos para possibilitar que cada um desenvolva seu processo de aprendizagem de forma autônoma na coletividade. Para fundamentar trago a expressão de uma cidadã sem teto, que numa atividade de formação de educadores disse ao grupo que Quem passou fome fala sobre o que sabe, pois sabe o que é fome.

Quem fala da fome representa o que imagina, pois não sabe o que é fome.

Autor:  
Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim  
Universidade Regional de Blumenau FURB  
Sociedade Educacional de Santa Catarina SOCIESC  
Rede Sinodal de Educação.